

por uma militância divertida: *o inimigo do rei*, um jornal anarquista¹

gustavo simões*

O jornal *O Inimigo do Rei* emerge em 1977 realizado por estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Não tardou para que já na primeira edição impressa, em folha sulfite tamanho A4, chamasse a atenção de coletivos, grupos e associações libertárias, principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Tamanha foi sua presença que, no carnaval do ano seguinte, passou a ser distribuído para essas regiões, provocando, promovendo e discutindo experimentações entre jovens do litoral ao sertão do país.

O Inimigo do Rei foi resultado da prática política de estudantes que se articularam em torno do grupo *Fantasma da Liberdade*, como o filme de Luis Buñuel. Segundo Ricardo Líper, integrante do núcleo inicial do jornal, o grupo “(...)

* Estudante de Ciências Sociais na PUC/SP e integrante do Nu-Sol.

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

surgiu como uma chapa para concorrer ao Diretório de Filosofia. Fizemos um pequeno jornal da nossa chapa com a imagem de uma bunda com uma tocha (...). E o nome *O Fantasma da Liberdade*, em plena ditadura, caiu muito bem, porque a liberdade no Brasil nessa época era um fantasma.”² É com a formação desse grupo que os jovens baianos entram em contato com militantes anarquistas de outros estados e, em 1977, inventam *O Inimigo do Rei*, que mesmo com circulação irregular, existiu por onze anos.

Duas décadas após seu término, aos poucos, começaram a aparecer estudos e reflexões sistemáticas sobre o jornal. Autor da dissertação de mestrado *Imprensa alternativa e anarquismo: O Inimigo do Rei*, Waldir Paganotto³ atribui o surgimento do jornal a uma dissidência do movimento estudantil, controlado pela esquerda de tradição marxista, após o renascimento ainda ilegal da UNE, em 1974. Segundo Nildo Avelino,⁴ *O Inimigo do Rei* é reflexo da irrupção de liberdades sufocadas durante toda a década de 1970, e que reapareceram ruidosas por meio de grupos antipsiquiátricos, ecologistas, feministas, de liberação sexual, anarquistas... Para José Carlos Orsi Morel,⁵ ex-secretário e integrante do histórico Centro de Cultura Social de São Paulo, o jornal foi um marco para os anarquismos no Brasil, pois trouxe a vitalidade dos jovens para a prática libertária.

Pulando o muro da universidade para entrar no sindicato

A primeira edição do jornal, lançada em outubro de 1977, ainda em papel A4 e com somente dez páginas, emerge no embate de estudantes da Universidade Federal da Bahia com o autoritarismo de esquerda dos intelectuais, professores e alunos. A maior parte dos artigos

reflete a tensão dentro da universidade, entre os próprios estudantes, e a edição conclui com a proposta de uma Federação Libertária Estudantil.

No intervalo de sete meses aparece o segundo número do *Inimigo do Rei*. Em formato tablóide, o jornal ultrapassa os muros da universidade e passa a tratar de temas mais variados: a luta das mulheres por liberação, o anarquismo a partir da frase de Louise Michel, ao dizer que “(...) não podemos matar as idéias a tiros de canhão nem tampouco algemá-las”,⁶ a resenha do livro de Roberto Freire *Viva eu viva tu, viva o rabo do tatu*, como também de matéria especial sobre maio de 1968, na qual Ricardo Líper afirma que esse acontecimento “(...) o primeiro grande sintoma público de massa de que o pensamento socialista começava a retomar seu caminho original. As bandeiras negras do anarquismo tremularam na França e o sentimento anti-autoritário do socialismo espalhou-se. Foram criticados abertamente os PCs [...], o engano já foi percebido... O caminho já está aberto. Bakunin deu o primeiro grito de perigo. Nem todos ainda perceberam isto”.⁷

Mas é somente a partir da terceira edição, em setembro de 1978, que *O Inimigo do Rei* apresentou-se de fato para os leitores. Diferente das edições anteriores, o número três do periódico, contendo vinte páginas, traz no *box* do expediente os nomes das pessoas que o produziram em ordem de sorteio, seguido das autorias dos artigos publicados. São inauguradas sessões que farão parte da trajetória do jornal como a contra-capa com ilustrações *Bobo da Corte*, as sessões *Cartas* e *Biblioteca*, além de um espaço dedicado especialmente à problematização e divulgação de experiências autogestionárias.

No início de 1979, *O Inimigo do Rei* assume o sindicalismo e o anarquismo como práticas de luta. A capa rubro-negra da quarta edição anuncia a luta dos jornalistas baianos por organização, divulga entrevista com o dirigente

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

anarco-sindicalista Juan Gómez Casas e matérias sobre o grupo *Mujeres Libres*,⁸ fundado por mulheres anarquistas na Revolução Espanhola. Mas é no artigo não assinado “Sindicalismo e Terrorismo individual”, no qual o desconhecido autor critica os anarquistas franceses Émile Henry e Ravachol — que fizeram parte dos desdobramentos da Comuna de Paris e cujas ações ficaram conhecidas como terrorismo anarquista associado à propaganda pela ação⁹ —, que fica explícita a tendência do *Inimigo do Rei*. “Ravachol, Émile Henry e muitas outras figuras dos fins do século XIX apenas serviram de reflexo dos profundos sentimentos de inquietação e revolta com a sociedade industrial (...). Suas ações não revelaram atos revolucionários, mas iconoclastia (...). Destruir a cabeça econômica não é deitar por terra cabeças políticas — já disseram.”¹⁰

Eu também quero sair

Com regularidade bimestral a partir da quarta edição, o periódico divulga uma nota que será uma de suas marcas, explicitando a única exigência para publicação de artigos: que os jornalistas também fossem os jornaleiros. Propunha abolir a distinção entre trabalho intelectual e braçal e estimular a autogestão. A periodicidade resultante do fortalecimento do *Inimigo do Rei* como jornal autogestionário não foi atingida com tranquilidade. Entre as dificuldades enfrentadas em plena ditadura, Antônio Carlos Pacheco, um dos editores, recorda o preço pago por algumas matérias. “Depois que colocamos o cardeal D. Avellar Brandão se masturbando com uma cruz, as gráficas não quiseram mais imprimir o jornal aqui em Salvador. Pra não dizer que estavam nos censurando, cobravam muito mais do que a gente podia pagar (...). Acabamos imprimindo o jornal na gráfica da Gazeta Mercantil no Rio de Janeiro. Mandávamos os originais por ônibus para o Ideal Peres levá-los até a gráfica.”¹¹

A periodicidade do *Inimigo do Rei* também permitiu à equipe de jornalistas e jornaleiros tratarem de temas que não diziam respeito somente à militância política nos sindicatos, como, por exemplo, o movimento iniciado na sexta edição sobre a anistia. Criticando a divisão feita por outros jornais e militantes marxistas entre presos políticos e comuns, *O Inimigo do Rei*, segundo Waldir Paganotto, adotou postura heterodoxa, pois pediu a anistia ampla, incluindo no processo os presos comuns. A sétima edição do jornal foi lançada com foto na capa de um homem com os braços para fora das grades, com destaque para a frase “Eu também quero sair” e, na décima edição, Antônio Carlos Pacheco questiona que a imprensa de esquerda fizera o maior alarido pelo último preso político no Ceará e calara diante das cadeias superlotadas do Brasil.

Para Waldir Paganotto fica evidente nas matérias do *Inimigo do Rei* sobre a anistia que o jornal adota posição diferenciada de outros veículos de comunicação independentes ou alternativos. Entretanto, os artigos visam somente a dissolução da divisão arbitrária entre presos políticos e presos comuns. Após o esfriamento das discussões, o periódico deixará de problematizar a prisão, mostrando que seu alvo era insistir no fim da distinção entre presos comuns e políticos, que alimentava a esquerda institucional. Como anarquistas, não faziam a distinção: a prisão é para quem ameaça a propriedade com ações e idéias.

O jornal beleza pura, o fino que satisfaz

Sem abandonar o anarco-sindicalismo, o periódico, para além da anistia, avança nas discussões sobre a liberação do sexo. Completando dois anos de existência em fevereiro de 1980, propõe na capa “Prática sexual ampla, geral e irrestrita”, esculhambando explicitamente a política de abertura proposta pelo governo Ernesto Geisel. O deboche

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

incomodou os próprios libertários, provocando uma resposta de Edgar Rodrigues, colaborador assíduo do jornal, que, com o pseudônimo de F. Silva, afirma que “Homossexualismo sim, mas frente à propaganda do anarquismo não!”¹²

Mesmo contando com boa parte do espaço no jornal, a busca por experiências de liberdade com textos mais divertidos distanciaram os anarquistas interessados nas lutas sindicais. Em seu número treze o jornal publica matéria especial sobre a maconha, com o título “Você pode fumar um baseado (desde que não seja do PDS ou Trotskista)”. O despojamento das matérias dessa edição passa a confrontar o autoritarismo da esquerda, e não somente aquele relativo às formas e instituições autoritárias implementadas nos países socialistas: a rigidez da conduta do “militante esquerdista” passou também a ser problematizada. Os temas e a maneira como eram abordados acabavam gerando discussões entre os próprios coletivos que editavam o *Inimigo do Rei*. “A gente discutia pelo correio todos os temas previamente. Quando o pessoal viu os temas e a capa com ‘Prática sexual ampla, geral e irrestrita’ encomendaram pouquíssimos exemplares. A do baseado piorou. Ninguém naquela época, nenhum dos movimentos sociais, falava em liberação da maconha (...). Alguns anarquistas achavam que essas discussões não cabiam naquele momento. Diziam que É. Armand já tinha falado sobre isso há mais de cem anos mas que tinha uma ditadura que oprimia a classe operária. Nós respondemos que era uma questão importante e que continuaríamos a tocar no assunto (...)”, comenta Antônio Carlos Pacheco.¹³

No número seguinte, sem a periodicidade habitual e com apenas doze páginas, o jornal demonstra sinais de esgotamento, mas sem perder o humor. “De lá pra cá o papa foi baleado e, para a alegria dos fiéis — boa parte

morrendo de fome — ele está fora de risco. Novamente a história comprova a veracidade da sabedoria popular; Lennon é baleado e morre; Reagan é baleado e vive; por fim o velho João Paulo é baleado e sobrevive... vaso feio não quebra (...). Sem a ânsia guerreira da esquerda autoritária, temos o mais magro mas cada vez mais bonito. O jornal beleza pura...O fino que satisfaz!”¹⁴

É a partir do décimo quinto número que *O Inimigo do Rei* demonstra perda de fôlego. A edição conta com frases bem humoradas sobre as eleições como “parlamentar é prâlamentar” e matéria sobre o anarquista Roberto das Neves. Mas na contracapa, caracterizada até então por charges e fotos, é publicada uma longa carta que alude às dificuldades enfrentadas pelo periódico anarquista, vinculando-as à prática libertária. *O Inimigo do Rei* não era o único periódico a enfrentar esse processo.

As últimas edições

Desde o início da década de 1980 entrou em declínio a luta pela potencialização de liberdades que eclodiu em maio de 1968 e marcou os anos 1970. Cada vez mais estimuladas pelo ideal democrático, as minorias que antes surpreendiam, deslocaram suas práticas de luta para a reivindicação de direitos, pretendendo compor a nova maioria. Como afirma Edson Passetti, “(...) diante da inventividade não tardou o refluxo conservador. A medida de todas as coisas passou a ser democracia (...) não mais rebeldias, mas integrações democráticas via ampliação de pletora de direitos.”¹⁵

Nos números seguintes, com matérias mais curtas e informativas, desenhos e estética zine adotada dos punks que passaram a participar de sua produção, *O Inimigo do Rei* passou a ser editado também pelo

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

coletivo de Porto Alegre. Entre as principais matérias destacam-se a repercussão do encontro “Inimigos do Rei”, realizado em Florianópolis, e de textos problematizando a obrigatoriedade do voto e a posição anarquista pela abstenção, lançando mão do voto nulo apenas como estratégia.¹⁶ Em 1984, o periódico interrompe suas atividades por três anos, alegando dificuldades econômicas de manter um jornal autogestionário no Brasil.

Após esse período de ruptura, ocorreram deslocamentos importantes para o anarquismo no país, sendo o principal deles a reabertura do Centro de Cultura Social,¹⁷ em 17 de abril de 1985, no bairro do Brás, em São Paulo. O lançamento das últimas edições do jornal, é retomado em 1987, com matéria especial sobre o lançamento do livro de Roberto Freire, *Sem Tesão Não Há Solução*, ocorreu, segundo Paganotto, devido ao esforço e encontro dos punks com os anarquistas do Centro de Cultura Social de São Paulo.

A saída apontada para os trabalhadores nessas últimas cinco edições enfatiza a necessidade de uma revolução: “(...) o anarquismo nada mais é do que a forma até agora mais acabada de consciência de como se fazer uma revolução que seja socialista de fato (...)”,¹⁸ e a militância sindical volta a obter preponderância, destacando-se alguns artigos como o assinado por Baqueiro, que esboçam a tentativa de reativação da Confederação Operária Brasileira, COB: “O operário está verificando a necessidade de agir diretamente, buscando as saídas, como procuravam os trabalhadores brasileiros das duas primeiras décadas do século, através de federações que agiam sem pactos com partidos ou com governo, numa luta que convergia nacionalmente para a Confederação Operária.”¹⁹

Após o lançamento de quatro edições em 1987, em março do ano seguinte é publicado o último número do *Inimigo do Rei*. O ocaso do jornal fica marcado pelas matérias punks, sobre o pluralismo sindical e críticas à postura centralizadora e autoritária da Central Única dos Trabalhadores, CUT.

Por uma militância divertida

Em sua dissertação de mestrado, Waldir Paganotto atribui importância maior a fatores exteriores ao jornal para explicar sua irregularidade nas últimas edições e seu encerramento, em 1988. Afirma que desde sua emergência, a imprensa alternativa encontrava-se em decadência, reagindo ao incêndio de bancas de revista por parte de grupos de direita, e perdendo sua função principal de contestação ao regime militar com a chegada da “abertura política”. O autor soma a isso à desmobilização do movimento estudantil, no começo da década de 1980 — marcada pelo aparecimento dos yuppies e desaparecimento dos hippies.

Para Leonardo Carvalho Pinto,²⁰ em recente artigo em *História do Anarquismo no Brasil*, baseado em seu trabalho de conclusão de curso na Universidade da Bahia, *O Inimigo do Rei* instaura uma cisão entre os anarquistas “históricos” que, segundo ele, eram defensores de um discurso e abordagens tradicionais, mais ou menos nos moldes do anarquismo que vigorou no movimento operário até o advento do Estado Novo, e os chamados “modernos”. Para ele, a principal causa dessa polarização, ocorreu devido à inovação da linguagem utilizada pelo coletivo editorial e à introdução de novos temas incorporados da contracultura.

Todavia, após realizado o mapeamento do jornal que levei adiante, tal conclusão pode ter sido apressada,

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

pois o anarquismo e a perspectiva de uma revolução libertária predominou na maior parte dos artigos publicados. A crítica ao Estado e à soberania, nos textos que abordavam tanto a questão sindical quanto a liberação do sexo, atacavam suas falsidades, imoralidades ou repressões. Os embates travados pelos integrantes do *Inimigo do Rei* não diferem tanto dos realizados pelos libertários no século XIX; eles somente atualizaram a crítica aos costumes, incorporando novas maneiras de ver as práticas na atualidade, como o sexo e as drogas.

Saul Newman problematiza esse “pensamento de Estado” que também foi utilizado pelos anarquistas no combate à autoridade centralizada e à soberania. “Devemos aprender a pensar além do paradigma do Estado. A ação revolucionária falhou no passado, pois se manteve aprisionada por esse paradigma. Mesmo as filosofias revolucionárias como o anarquismo, que têm como objetivo a destruição do poder de Estado, mantiveram-se aprisionadas a concepções essencialistas e maniqueístas (...). Talvez a própria idéia de revolução deva ser abandonada. Talvez a política deva ser a de escapar de estruturas e identidades essencialistas.”²¹ Albert Camus, em resposta aos existencialistas que colocavam a revolução como o inevitável progresso da revolta, afirmou que “(...) a contradição, na realidade, é mais restrita. O revolucionário é ao mesmo tempo revoltado ou então não é mais revolucionário, mas sim policial e funcionário que se volta contra a revolta. Mas, se ele é revoltado, acaba por insurgir contra a revolução.”²²

É possível que o afastamento de alguns anarquistas na produção libertária tenha ocorrido mais pelo fato de *O Inimigo do Rei* trazer à tona temas que até hoje são tabus para muitos militantes, como a libera-

ção das drogas e a liberação do sexo, do que a emergência de um anarquismo “moderno”. A maior inovação do *Inimigo do Rei* — e talvez isto tenha contribuído para o distanciamento de alguns libertários — foi a incorporação de um outro jeito de lutar, ao estilo que Michel Foucault propõe em “Uma introdução à vida não fascista”: “Não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga nas formas de representação) que possui uma forma revolucionária”.²³

O jornal resgata velhas práticas libertárias e incorpora novos temas que emergiram a partir das contestações às autoridades na década de 1960 e 1970. Provoca os anarquistas por sua “(...) coragem e destemor e não pelos meros indicadores etários de seus criadores e leitores.”²⁴ Como as experimentações de liberdade, *O Inimigo do Rei* não aspirou à eternidade. Há quem procure ainda hoje as causas e indícios de seu encerramento, em 1988. Para Ricardo Líper, um dos jornalistas e jornalheiros do *Inimigo do Rei*, “(...) o que ocorreu foi falta de tesão de fazer o jornal. Não foi falta de tesão com anarquismo, mas falta de tesão em fazer o jornal. Eu gostaria de dizer que a Santa Teresinha apareceu e converteu a gente. Isso levaria os intelectuais à glória. Mas não foi nenhum motivo secreto o que aconteceu. Faltou tesão”.²⁵

Notas

¹ Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de iniciação científica “*Inimigo do Rei*. Problematizações sobre o jornal *O Inimigo do Rei* e experimentações libertárias”; apresentada em outubro de 2006, ao Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP e à Comissão de Pesquisa e Extensão da PUC-SP, financiada pelo CNPq e premiada com menção honrosa de iniciação científica do Departamento de Política em 2006.

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei*.

² Entrevista concedida por Ricardo Líper, no dia 6 de outubro de 2006, durante o *Seminário Nacional de Pedagogia Libertária*, realizado no FACED-UFBA, em Salvador.

³ Waldir Paganotto. *Imprensa alternativa e Anarquismo: O Inimigo do Rei*. Dissertação de Mestrado em História. Assis, Unesp, 1997.

⁴ Nildo Avelino. *Anarquistas: ética e antologia de existências*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2004.

⁵ José Carlos Orsi Morel. “Centro de Cultura Social, uma prática anarquista”, in *Verve*. São Paulo, Nu-Sol, maio/2005, vol.7, pp.209-23.

⁶ *O Inimigo do Rei*, 2. maio/1978.

⁷ Idem.

⁸ A este respeito ver Margareth Rago. “Mujeres libres: anarco-feminismo e subjetividade na revolução espanhola”, in *Verve*. São Paulo, Nu-Sol, maio/2005, vol.7, pp.132-51.

⁹ Sobre a propaganda pela ação, ver em especial Andre Degenszajn. *Terrorismos e Terroristas*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. São Paulo, PUC/SP, 2006.

¹⁰ *O Inimigo do Rei*, 4. fevereiro-março/1979.

¹¹ Entrevista concedida por Antônio Carlos Pacheco, em 6 de outubro de 2006, durante a realização do *Seminário Nacional de Pedagogia Libertária* realizado na FACED-UFBA.

¹² *O Inimigo do Rei*, 11. maio-agosto/1980. Edgar Rodrigues assume a autoria do artigo no seu livro *O Ressurgir do Anarquismo (1962-1980)*, no qual conclui: “O registro de livros anarquistas e fins, salvo um ou outro trabalho mais doutrinário, foi um dos pontos positivos do *Inimigo do Rei*. Não obstante a feição libertária, os seus redatores ocuparam espaços preciosos com o homossexualismo e alguns dos seus colaboradores elegeram-no como bandeira de luta ‘enfeando’ os propósitos dos anarquistas.” Edgard Rodrigues. *O ressurgir do Anarquismo (1962-1980)*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1993, p. 183.

¹³ Entrevista concedida por Antônio Carlos Pacheco, citada na nota 11.

¹⁴ *O Inimigo do Rei*, 14.

¹⁵ Edson Passetti. “De conversa em conversa: Parrésia anarquista”, in *Revista letra-livre*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2006, vol.11, p.15.

¹⁶ Um artigo sobre as eleições e a abstenção dos anarquistas escrito por Aurélio Vellame e Celene, integrantes do coletivo do *Inimigo do Rei* de Salvador, está na internet, disponibilizado no site do Nu-Sol, www.nu-sol.org

¹⁷ Ver Nildo Avelino, op. cit., 2004. O livro mostra com minúcia a reabertura do Centro de Cultura Social em 1985, articulando-a com a emergência do *Inimigo do Rei* em outubro de 1977.

¹⁸ *O Inimigo do Rei*, 1. maio/1987.

¹⁹ Idem.

²⁰ Leonardo Carvalho Pinto. “Inimigo do Rei: um jornal anarquista”, in Rafael Borges Deminicis & Daniel Aarão Reis (orgs). *História do Anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro, MauadX, 2006, pp.133-145.

²¹ Saul Newman. “Guerra ao Estado: o anarquismo de Stirner e Deleuze”, in *Verve* São Paulo, Nu-Sol, outubro./2005, vol.8, pp.13-40.

²² Albert Camus. *O Homem Revoltado*. Rio de Janeiro, Record, 2003, p. 285. Tradução de Valerie Rumjanek.

²³ Michel Foucault. “Uma introdução à vida não fascista”, in *Cadernos da Subjetividade*. São Paulo, Núcleo de Estudos e Pesquisas do Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, vol1, n1, 1993, p. 200. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro.

²⁴ *O Inimigo do Rei*, 3. setembro-outubro/1978.

²⁵ Entrevista concedida por Ricardo Líper, op. cit.

Por uma militância divertida. *O inimigo do Rei.*

RESUMO

Emerge em 1977, no Brasil, mais precisamente na Universidade Federal da Bahia, o jornal libertário O Inimigo do Rei. Menos de um ano após seu lançamento, ele alcança outros estados do país, tendo como característica marcante a abordagem de temas polêmicos e liberadores como o aborto, a homossexualidade, feminismo, drogas, liberação do sexo, ecologia e o anarquismo. Esta pesquisa procurou mapear e problematizar a prática libertária no Brasil trazida para o interior deste jornal durante o tempo de sua circulação, entre 1977 e 1988.

Palavras-chave: Inimigo do Rei, liberação, anarquismos.

ABSTRACT

In 1977, emerged in the Federal University of Bahia, the libertarian newspaper Inimigo do Rei (Enemy of the King). Before accomplished his first anniversary, the newspaper had been distributed in all Brazilian states. It had as its distinguished characteristic the presentation of polemic and liberators issues as abortion, homosexuality, feminism, drugs, sex liberation, ecology and anarchism. This research aimed to identify and to question the libertarian practices in Brazil that had a way to be publicized by this newspaper during the period of its existence (1977-1988).

Keywords: Inimigo do Rei, liberation, anarchisms.

Recebido para publicação em 26 de fevereiro de 2006 e confirmado em 11 de fevereiro de 2007.